Joyce Mansour

JÚLIO CÉSAR

HISTÓRIA NOCIVA

HIENA EDITORA

JÚLIO CÉSAR

—HISTÓRIA NOCIVA—

HIENA EDITORA
Apartado 2481 1112 LISBOA CODEX

Título original
JULES CÉSAR
Autor
JOYCE MANSOUR
Título em português
JÚLIO CÉSAR — história nociva
Tradução de
ANÍBAL FERNANDES
Capa de
AUGUSTO T. DIAS

Tiragem 1000 exemplares
Lisboa, Agosto de 1987

JOYCE MANSOUR

JÚLIO CÉSAR

— HISTÓRIA NOCIVA —

Tradução de

Aníbal Fernandes

Chegou tarde, com o desejo de encontrar o mundo pelos caminhos da sobre-realidade e apanhá-lo aí, nessa margem que apenas se vê (di-lo Lewis Carroll) do outro lado do espelho. Chegava tarde e já não esperada pelos surrealistas que sobravam do Grupo — depois de mortes suicidas ou não, políticas, traições de amor e razzias disfarçadas de manifesto —, a perturbar-lhes o discreto uso que faziam (sedimentados vinte anos sobre a maior vitalidade do Movimento) de Saint-Germain-des-Près.

Aparecia ao contrário de todos eles: — mulher, nova de 25 anos em 1953, com uma imprevisível nacionalidade egípcia (apesar de nascida em Bowden, na Inglaterra), estranha beleza de um fresco de Tebas revista por Paris, na mão um livro de versos — Cris *— com uma ferocidade verbal de que não estava a dar-se outro exemplo em francês recente.*

Surrealista tardia mas esquecida do seu atraso, transportava para a vida exemplos da actuação provocatória que tinha celebrizado o Movimento muito para além da literatura e da política. Dessa passa-

gem entre velhos surrealistas calmos resta uma memória agitada por actos insólitos e um tanto fora de moda, de jovem filha interessada em seduzir os pais com tiques e remakes de um código que lhes é caro, que tanto podem — para uma escolha, aqui, sem dúvida arbitrária — citar aquele pintor mexicano que ela encheu, em público, de pontapés, como a ceia onde marcou com um ferro em brasa um poeta condescendente, como o salto de uma ponte de navio em pleno Mar (alto e, a acreditar-se na Geografia) Vermelho.

Teve um mistério pessoal ferozmente cultivado, defendido de tudo o que não fosse indesmentível ou comprovável por olhares alheios, e respondeu ao editor que lhe pediu a biografia com uma conjugação surrealista:

Autocratique
Autocritiques
Autodidacte
Automastiquons
Automastiquez
Autoérotiquent.

Pelo contrário, na poesia expôs-se de sentimentos até ser possível segui-la nos meandros de uma complexa sexualidade. Em várias fontes de consulta vemo-la definida por palavras e imagens idênticas. Por exemplo o dicionário Larousse da poesia contemporânea fala de «versos abruptos, o mais livres que é possível, cheios de imagens erótico-macabras

e de pesadelo, que em intensidade igualam as de Salvador Dali»; o dicionário dos poetas do Magazine Litteraire, esse fala em «erotismo fúnebre», «imagens de um incessante pesadelo sexual», de um «tom naturalmente sacrílego», acrescentando que «a pureza da escrita faz tolerar o que existe de atroz na sua visão»; a Poesie Surréaliste *de J. L. Bedouin refere «uma singular liberdade», «que impressiona logo nos seus poemas e contos impregnados de um erotismo sombrio, cruel, corroído ao máximo pelo humor»; e em* Le Surréalisme et le Rêve, *de Sarane Alexandrian, encontramo-la de um «lirismo devastador», com «movimentos de furor uterino que a obrigam a cuspir blasfémias, obscenidades e insultos», com «um gosto pelo horrível que lhe dita, a cada passo, imagens muito desagradáveis, apenas aceitáveis pelo senso de humor negro». Acrescente-se que sua voz surge menos convulsa a quem preferir deter-se em* Rapaces, *de 1960, e* Carré Blanc, *de 1966.*

Pode aí compreender-se melhor, numa fase poética mais tranquila, que a poesia de Joyce Mansour é um monólogo de «vagina dentata» (...deixarei devorado quem me violar os flancos/com pulsações/bárbaras) (...e o meu fundo corpo, esse polvo que não pensa/engole o teu agitado sexo), *com momentos de cansaço heterossexual onde o repúdio do homem cede à escolha da mulher* (...atraio as raparigas/à maior violência da minha viragem) (...no veludo vermelho do teu ventre/no regrume dos teus gritos secretos/penetrei (...)/E a terra baloiça a dar

voltas e cantar (...)/Sou o turbilhão de Gomorra), *opções de um mesmo jogo que se resolve com a vida e com a morte, para «rasgar solidões».*

A mais conhecida prosa de Joyce Mansour é este Júlio César *(1956), uma história sangrenta do narciso lateralmente percorrida, ao sabor de culminâncias e depressões de inspiração mas sem abrandar de humor negro, por um razoável cortejo de «perversões» catalogadas nos manuais de sexologia; mas ao pé dela não desmerecem dois outros momentos de bem sucedido «excesso», contos seus recolhidos em* Les Gisants Satisfaits *(1958), esse* Marie ou l'Honneur de Servir, *missa-negra celebrada entre uma mulher meiga e um assassino, e* Les Spasmes du Dimanche, *história de um «louco lunar» violador de mulheres e animais.*

Escritora de margens e marginalidades, fez-se à luz de pequenas editoras (Seghers, Pauvert), ou de editoras quase inexistentes (Le Soleil Noir, Daily Bul, Visat, La Louvière) até à «consagração» na Gallimard, em 1973, quando ali se retomou Júlio César *acrescentado por* Îles Flottantes, *prosa autobiográfica, para formar as* Histoires Nocives. *Momentaneamente projectada para fora da imprensa de tendência surrealista ou atenta às letras marginais, viu-se encaixada numa trindade feminina do surrealismo em francês, na companhia de Leonora Carrington e Gisèle Prassinos.*

Depois disso surgiu em duas edições italianas e novamente na Soleil Noir, com uma recolha de

poemas esquecidos e dispersos, e pouco se ouviu falar dela — mulher maldita com pés de jade, *como a si própria se chamou, num verso — até morrer com 58 anos de idade, em 1986.*

A. F.

Tinham nascido juntos em Sodoma, de uma vaca e um coveiro, decorridas duas horas de labor bem regadas a cerveja. Voltaram a ver-se nos lençóis húmidos da cama paterna, raramente metidos na barrela, e logo a seguir sentiram saudades do calor que o abraço uterino lhes tinha dado. As secreções renais contínuas souberam levá-los às nuvens, a liberdade do umbigo maravilhou-os e juraram, num açucarado balbuceio, presos às tetas repletas de mel de Júlio César, sua ama, que haviam de beber todo o sangue do mundo. Eram crianças normais. O pai aproximou a cara simiesca do campo de batalha onde a sua mulher lutava com os gémeos e os sobressaltos finais da dor, e lá foi, de braguilha aberta e barba mal feita, ganhar o pão da família com o suor da testa, rodeado de choro, cadáveres e versos de cenotáfio.

Tudo isto aconteceu numa montanha grande como a França, cercada de lagos, nuvens com cara de homem e países inimigos. Habitada por aldeões, boas criaturas que viviam em paz com o duplo queixo e o seu gado sem quererem saber do dia de

amanhã enquanto vendiam relógios e ao mesmo tempo davam o sangue das veias aos hospitais ambulantes. O sol envernizava os lagos, os campos estavam repletos de vacas; as crianças aprendiam as lições em varandas penduradas sobre amáveis precipícios, vestidas à estudante de Paris mas com o dialecto gutural de montanhês nas suas bocas de muita manteiga.

À noite todos dançavam ao som do sanatório e o esperma corria nas ruas; tudo pensado, como é óbvio, para atrair turistas.

Como qualquer mulher que abrigou nove meses bébés no espartilho, cheia de amor, a mãe só pensava na recuperada cintura e nos vestidos quase em condições de serem usados e que havia de envergar mal os músculos frouxos respondessem ao apelo. Ela, que afagara aquele ventre cada vez maior, que o tinha exibido cheia de orgulho aos pais, dissimulado com tanta perícia aos amantes; ela, que alimentara o tumor móvel com a sua própria gordura, o tinha arejado, disfarçado e pintalgado de vermelho em dias de festa, que o mergulhara em torrentes para afogar maus-olhados, só pensava em fazê-lo desaparecer de todo, mesmo que abdicando totalmente da comida antes do pequeno-almoço.

Sem noções nenhumas de higiene, deixaria os gémeos morrer de sujidade e fome se um dedo entrapado tivesse que mexer. Por sorte, havia Júlio César. As crianças gostavam da mãe com um enorme e ferido amor. Denunciavam a amargura pondo ferozmente à mostra as suas gengivas, mal ela aparecia

ao pé do berço. Cheia de ciúmes, a mãe dava velozes bofetadas a Júlio César, que nem sempre as apanhava; tinha mais que fazer, com a cabra e duas crianças nos braços! As bofetadas que não caíam na cama, cheias de cansaço, fugiam pela janela, convencidas de que eram borboletas enamoradas do sol, e perdiam-se no imenso e crucitante tédio da tarde. A vida arrastava os tamancos nas estradas arenosas, e a pouco e pouco os picos se iam derretendo na memória das gentes da montanha.

Preguiçosa e despida, a mãe passeava pelas ruas a fazer compras e a sonhar. Gostava daquela vida inútil entre pedras com rosto de homem e camponeses talhados em pedra. Sentia-se divina, mesmo sem adoradores, e os seus gestos ainda não estavam feitos já tinham passado a símbolos. Era uma espécie de paraíso que sonhos diluídos povoavam. Pensava nos caracóis que iria plantar no Outono, na passajada roupa interior do marido que esvoaçava à sua volta como asas molhadas, e nas iras surdas de Júlio César.

Júlio César, essa era má e ano após ano mais negra, mas soubera fazer-se indespensável à cabra e a mãe não se atrevia a despedi-la, apesar dos encontrões que a deitavam abaixo, volta e meia, nos corredores.

As janelas vazias sorriam quando a mãe passava, tão ferozes como os gémeos, e as ruas daquela aldeia à sombra da igreja verde, que monges do século XV tinham construído, ainda pareciam mais tristes do que era habitual. O pó já não se levantava

à passagem de carroças espavoridas e os bois largavam, por ali fora, grandes bolos de estrume. «Estamos no fim do Verão, pensou a mãe. E carrego mais um ano nos meus braços». Com um grande suspiro apanhou os seios de auréola roxa e atou-os, indiferente, à volta do pescoço. Na montanha as tardes são frescas.

Cumprimentou uma vizinha, uma prima e um gato. «Todos se conhecem, disse ela. Sabem qual é a cor da minha pele, sabem que o estouvado do meu marido regressa bêbado, com a cabra às costas e peúgas que a neve endureceu. Os vizinhos sabem que ao amanhecer corro nos campos, ainda seduzida com prazer húmido da madrugada, com os pés feridos de orvalho e a boca em sangue, feliz. Sabem que a Júlio César usa ligas de várias cores para suster a carne insonsa dos sessenta anos. Conhecem-me a casa». Deu um suspiro e apagou o olhar no tanque dos patos. É difícil ser deusa entre campónios.

Não se considerava infeliz: o marido estava ausente muitas vezes e aquela aldeia sem futuro realizava-lhe o desejo de sentir-se superior. A ira e a inveja dos vizinhos nevavam sobre a sua pele, e as suas coxas suavam de felicidade sempre que um olhar malicioso a aflorava.

O caminho estreito que subia entre espinheiros e cogumelos até ao chalé empoleirado alto, no meio do pinhal, arrastou a mãe pela sua corcunda; e os olhos brancos de Júlio César brilharam em plena noite, iluminando as passagens difíceis. «Vai atrair

mosquitos, resmungou a mãe. Nem os pés vou lavar, pois o sujo desaparece no escuro, e eu cá sou como os móveis, melhor durmo sob uma camada de pó, feliz com a grisalha do meu sono fosco».

Os gémeos cresceram numa atmosfera de ódio não disfarçado. A mãe e Júlio César andavam pelos cantos a fazer raivosas carícias a si próprias, a procurar bichos minúsculos debaixo do avental. Insultavam-se em línguas esquecidas, com os dentes cerrados e os cabelos em pé, na voz cavernosa que sobe do ventre. À volta do berço só havia focinhos de lobo e gritos de ódio que faziam os gémeos contar pelos dedos e miar de medo.

Toda a família detestava o pai por causa dos seus modos de bêbado, dos bigodes que o tabaco amarelecia e caíam na sopa. Desejavam vê-lo morto e até a cabra mordia se a mão dele lhe fazia festas. A mãe vingava-se a recrutar amantes de acaso nos correios, nas ruas ou entre a atiradiça clientela do marido. Certas noites, em que ele precisava de dormir, tinha ataques de nervos que aterrorizavam toda a casa. Empurrava-o para o corredor, a tiritar de frio e miserável assim, com a touca na cabeça e os pêlos em pé. Como não conseguia dormir no chão, passava a noite a oscilar entre o feno cheiroso da cabra e a cama não menos cheirosa de Júlio César, mas ela dava cabo do pobre homem com toques singularmente irritantes que o deixavam embrutecido de todo, no dia seguinte.

Era uma família como qualquer outra, e os gémeos cresceram ao sol, cheios de seiva e grandes

projectos. Acalmaram a raiva dentária nos ossos de um parente da cabra, aprenderam a andar com os patinhos, comeram sem compreender porquê e amaram-se com uma violência cada vez maior. «Não tarda que seja preciso lavá-los», disse a mãe consigo própria.

A mulheres de certa idade qualquer coisa as põe loucas, seja picadela de mosquito numa nádega que a amargura fez inchar, um amante que esfriou ou uma menopausa lenta a declarar-se.

A mãe viu que tinha enlouquecido quando as cortinas beiges do seu quarto, até ali sem personalidade, começaram a entesoar-se. Ficava muito encavacada, sobretudo à noite, quando se despia à frente da janela e massajava o ventre perante o olhar aprovador da vizinhança. «O que eu devia fazer-lhes era uma operação», disse consigo própria. E retalhou as cortinas tesas de prazer com a tesoura de Júlio César.

As coisas pioraram com a entrada dos gémeos para a escola comunal. A mãe começou a andar de gatas, só enfeitada com uma pena de corvo entre as nádegas, a cantar com voz forte de baixo velhas valsas vienenses e a julgar que o marido tinha ciúmes do tenor, naquele caso Júlio César. Ficava violenta se a sogra aparecia para tomar chá; imaginou que o marido plantava cadáveres na cozinha e deu gritos horríveis de ouvir. «Vai haver falatório entre os vizinhos, pensou o pai. Temos de acalmá-la».

Por isso, numa noite de lua cheia saíram ambos de casa, levando ao pescoço as correntes enferrujadas e na alma os seus anos de privação; na montanha, atrás do chalé, meteram-se entre pinheiros de cabeça trémula e pedras pardas, esses dentes de siso de uma natureza a rir-se. Uma vez ali, obrigou-a a pôr-se de joelhos, bem agarrada pelos cabelos, abriu-lhe brutalmente as coxas e enfiou-lhe a língua no umbigo, vergando-a para trás, até a cabeça tocar no chão. Ficou muito tempo a limpar os demónios familiares do seu corpo; e por fim, impressionado pela nudez flácida da esposa submissa que parecia adormecida com a língua de fora, deitou-a na erva já mordida pela lua e saltou-lhe para cima sem ter o trabalho, sequer, de se despir. Ficou em cima dela, com os dentes enterrados no pescoço ofegante e tenso, a chupar. Deu-lhe uma esfrega, cobriu-lhe o corpo com terra e escarrou uma bílis fresca nos seus olhos; apalpou-lhe a carne, febril, e com a raiva já murcha fez um sinal-da-cruz, dizendo: «Queira Deus que não voltem a ser gémeos».

A mãe não sentiu dor nenhuma. Jazia indolente no chão, com as pernas em arco inundadas de orvalho, lambidas pelos cães vadios da noite, com os seios a falarem baixinho e a cabeça a esvaziar-se aos poucos entre as gulosas gengivas do pai.

O homem levantou-se, cuspiu um dente e sulcou com duas unhadas as tetas da mãe. «Vamos para casa, disse, que tenho os pés a doer».

NARRATIVA DE JÚLIO CÉSAR

«A minha cabeça morreu com ele. Reduzi-me a um cone de cinzas com mãos extraordinariamente vivas que iam ganhar a vida à fábrica, todas as manhãs. Porque é preciso, mesmo sem cabeça, continuar a viver. Larguei o último dente de leite na boca do meu marido morto de atrofia financeira, e preparei-me para o enterro.

«Pedi de empréstimo um vestido preto, que mil memórias tinham pregueado, muito largo de ancas, muito apertado de peito, e no dia dos nossos esponsais enterrei o meu amigo.

«As carregadoras de vento não se viam umas às outras, não pestanejavam nem tinham lágrimas enquanto beberricavam café à volta do cadáver estendido na sala, entre a cauda partida do piano e os jarrões chineses que uivavam. O caixão de cromados brilhantes era o orgulho da família, e as flores, tiradas expressamente do armário, eram tão tesas como o cadáver que tapavam. Do caixão saía um cheiro intenso a naftalina; a minha mãe atribuia-o às flores.

«Fiquei de pé, ao lado dele; já no hospital eu tinha ficado de pé ao lado da cama, com a cabeça repleta de orgias e as mãos húmidas. De vez em quando eu engomava-lhe o corpo com o ferro eléctrico pesado, pois tinha tendência para inchar. «É do calor», dizia a minha mãe.

«Quanto à mãe dele, acordou com os homens que vieram buscá-lo. Dormia na ponta da sala, numa

cadeira de criança, e o seu vestido remendado era enfeitado nos joelhos com nódoas ruças, certamente chichi de gato. Serviu chá àqueles homens sem horário que se coçavam em silêncio, com o chapéu de feltro na mão. Depois pôs-se à frente das carpideiras de cabelo empastado e dirigiu-se ao cemitério, onde já havia uma cova à espreita. Assim foi que enterrei o meu amigo», suspirou Júlio César. E desapertou o espartilho.

Os gémeos saíram sem beijar a ama. Sabiam que ela não tinha amigo; que a sua vida começara com o nascimento deles. Era evidente que antes dessa data vivia sem casa, sem utilidade, alegria ou memória. Uma criada.

Júlio César era feitora de nascença, com a cabeça carregada de feno; mas a vizinhança das vacas e o despertar de madrugada tinham sabido abrir-lhe os olhos a Deus e às suas consequências. Coisa que iria cair-lhe da bem guarnecida boca para encher as noites de vigília. Sentava-se no meio da sala, sobre o traseiro imenso, e com um dedo a apontar o tecto, que o fumo do seu charuto perfurava, iniciava os gémeos nas alegrias da vida campestre. Lições que assumiam a forma de monólogos uma vez por outra interrompidos pelos fragorosos arrotos da cabra e, nas vidraças, pelo surdo aplauso da chuva. «Tudo está morto se Deus estiver morto, e não passamos de um monte de estrume que o divino hálito ainda aquece».

«Roubai apenas o que vosso pai ganha, dinheiro roubado por vossa conta. Roubando-o apagareis a sua falta. Não deveis morrer à frente da vossa mãe, pois as mães não se assustam ao ver filhos mortos; embora dilaceradas, acabam por alimentar-se do sangue que é vosso.»

«Sede castos como os poderosos, mas não necessariamente abstémios. Os velhos são abstémios sem ser castos, e as muletas testemunham as desonras da sua solidão. Lavai as mãos antes de ir para a cama, pois de outro modo tereis sonhos que cheiram ao dia.»

E muito mais dizia àquelas crianças de dedo na boca, o que deixou franzidos, durante muito tempo, os olhos dos bonecos.

Os gémeos compreenderam bem depressa a utilidade da blasfémia. Era o seu vinho, era a prova do amor imenso que lhe tinham, o mais cruel dos seus jogos. Sempre ocupada em arranjar roupa para quando fizesse mau tempo, a mãe entregava os filhos às mãos do padre em tudo o que dissesse respeito à educação religiosa; ela, se não fosse uma ou outra praga nunca se Lhe referia.

O padre era gordo, calvo e adormecido. Subir ao chalé fatigava-o; e espaçava com parcimónia as visitas. Acompanhadas por Júlio César, as visitas das crianças ao curato revestiam-se de um carácter puramente mundano porque o pudor da ama, grande demais, não consentia conversas sérias na sua pre-

sença. Por isso, sem nenhuma ajuda exterior, os gémeos construíram nas suas cabeças catedrais enfeitadas com inúmeras superstições barrocas. Conforme iam crescendo, os ritos que inventavam complicavam-se deixando os seus praticantes vestidos com farrapos de carne e restos de comida, cada vez mais insatisfeitos.

Ao princípio, Júlio César era Deus. Um deus reconfortante e fácil de manter. Até ao dia em que adoeceu e lacerou os véus da sua divindade com o medo que mostrou à frente do médico.

Sob o efeito desta primeira decepção, as crianças reflectiram durante vários dias antes de escolherem o local do seu Deus. O médico parecia muito indicado, mas usava óculos que automaticamente o eliminavam. O retrato do avô, pendurado no mais escuro canto da sala, despertou-lhes a atenção. E adoraram-no com humildade.

Agachados no soalho e com os bonecos cegos assentes nos joelhos, contemplavam o rosto do seu deus e insultavam-no à vontade, até ao momento em que ele se mexia, ao que parece impaciente e acordado no seu pó. Ouviam-se, então, as mais inconfessáveis preces, e a calma voltava à cama dos bonecos.

Infelizmente o deus não soube proteger-se das mãos do pai quando ele empunhou uma faca de cozinha e começou a raspar o quadro, na esperança de encontrar uma obra-prima. As crianças aguardavam um milagre mas o deus, com um sorriso nos lábios, impávido, cheio de moleza consentiu que lhe mexes-

sem. A tela cedeu à temerária faca do pai. Desgostosos com aquele deus esventrado, que sofria sempre com o mesmo sorriso, as crianças almoçaram em silêncio e sem apetite. «Hoje à tarde vamos enterrar os bonecos», anunciaram a Júlio César, que tricotava no seu habitual vazio. E partiram em busca de um deus.

Enterrados os brinquedos ao pé do charco onde o sol se punha sem molestar a água avermelhada, depenaram o canário. E depois, com o máximo da sua força infantil, chamaram Deus enquanto comiam, urinavam ou até dormiam no silêncio de sonhos que movimentos eróticos mal coordenados, e sobressaltos cansados por um mal-estar digestivo, atravessavam. Deus encolhia-se, porém, e cada ano que passava a sua paciência emagrecia mais um pouco.

Uma noite esperavam à janela que Ele aparecesse, pezinhos gelados, fraldas líquidas no rabinho fofo, quando sentiram chegado o momento de um sinal qualquer pôr termo àquelas noites de angústia. As estrelas, porém, brilhavam estupidamente como é hábito, o vento assobiava sem encontrar obstáculos e a neve deixava-se cair no mundo com indiferença. «Nunca virá se estiver a nevar», pensaram as crianças. E adormeceram inconsoláveis, boca com boca.

Decorridos vários anos de ar puro e neve, o desporto expulsou Deus das suas cabeças, e o sexo, a magicar complexos, endureceu-lhes o coração. Era o início da adolescência; como sinal de protesto a

sua pele revoltou-se e rebentou em borbulhas quentes nas barbas de Júlio César. «Vai ser preciso abaixar-lhes a grimpa», pensou a mãe.

Lúcia, a filha do lenhador que matava homens quando tinha tempo, entrou com tumulto na vida dos gémeos. Estava tranquilamente sentada nos bosques, atrás do chalé do seu pai, e limpava as unhas com um garfo; como todas as mulheres de seios a cacarejarem por baixo da blusa, esperava um homem. Era bela com os seus cabelos ruivos, as pernas depiladas que luziam de sol e mãos intermináveis.

Os gémeos andavam à caça. Quebravam o silêncio glaciar da manhã com as suas vozes agressivas, e o ruído das botas na terra endurecida pela noite cortava o coração dos animais que dormiam no caminho. Pararam à frente da virgem Lúcia e a estrela da manhã apagou-se sem dar, sequer, um suspiro. Habituados às raparigas da aldeia sempre grávidas, que deixavam a papada cair no peito, os gémeos foram logo seduzidos. A virgem levantou um dedo e mostrou, com ar indiferente, o caminho do chalé. «Quem és tu?», clamaram os gémeos, com o sexo em desvario. «Lúcia», respondeu a virgem com um pesado relincho de feminilidade. O gémeo menos borbulhento aproximou-se e disse com ar ingénuo:

— Deves saber a leite, és tão bela!

— Sou o único ser analfabeto nestas montanhas ultracivilizadas — respondeu com indiferença.

— Sim, mas és bela e nós somos grosseiros e feios como bezerros — disse um deles, a olhar para as botas encrostadas de lama.

— E os que não são feios são velhos — continuou o outro.

— Para sermos belos temos de matar, matar de olhos fechados, matar com violência, matar, matar, matar. Em casa do meu pai estamos sempre a matar; se vocês quiserem, eu ensino-vos — disse a virgem. E os seus olhos brilhantes pareciam cheios de pequenas ondas.

Os gémeos compreenderam que Deus era feminino; as suas cabeças giravam nos ombros como ventoinhas. «Comecemos a ver-nos muitas vezes», disse a virgem; e o seu peito estremecia debaixo da túnica. «Em geral aborreço-me». Os gémeos, porém, que sentiram ciúmes um do outro pela primeira vez na vida, não abriram a boca e cada qual esperou que o irmão falasse. «Vocês são tolos», disse a virgem, deitando a mão ao seu alvo e pequeno útero; e afastou-se a amarrotá-lo com os dedos, sacudida por um riso de pássaro.

Que doloroso, para os gémeos, desviarem os olhos das suas ancas; juraram encontrar-se com ela no dia seguinte, o mais tardar. Júlio César tentou o acalmá-los a pão com manteiga, mas eram esforços inúteis e desistiu: «A virgem Lúcia, disse, vive com um doido que leva o dia inteiro a abater homens e árvores; é doentio. Vocês vão atrair a morte aqui a casa; é contagiosa, a morte, e eu estou velha, muito velha». Os gémeos, porém, não eram supersticiosos;

sabiam que a morte é maravilhosa quando acabámos de viver, e continuaram a ver Lúcia todos os dias.

Desde a aurora, Júlio César não abandonara a janela do sótão. De pé, apoiada nos cotovelos calosos, com o nariz comido pelo frio e os pés inchados de sangue, passeava o olhar pelo campo. «Deve estar doente», disse a mãe consigo própria; e também subiu até ao sótão.

«É o fim do mundo, anunciou Júlio César a abanar a cabeça. Veja só». Cedeu o lugar, mas a mãe nada viu de excepcional. O céu caía como um reposteiro pesado que sorrisos de luz de vez em quando iluminassem, as montanhas dormiam nas incómodas posições de sempre, e a erva não mudara de cor. «É o fim do mundo, repetiu teimosamente Júlio César, mas não precisa de acreditar em mim, verá com com os seus próprios olhos, verá». E sem explicar mais nada, desceu do sótão para fazer a trouxa.

«Parece, antes, o fim do mês», respondeu a mãe, trivial, pois conhecia as loucuras de Júlio César. «Calma, o que ela precisa é de calma», acrescentou. E foi inspeccionar as latrinas.

No dia seguinte, uma hora depois de se levantar da mesa (o pai bêbado e a escorrer molho, a mãe estiraçada na cadeira, com a blusa desabotoada para respirar melhor), Júlio César anunciou pela terceira vez: «O fim do mundo vai ser hoje», abrindo a porta que dava para o jardim com um gesto à Sarah Bernhardt. O pai e um dos gémeos seguiram-na

enquanto ela ia a passo firme em direcção à orla do bosque, para contemplar a tão anunciada catástrofe. Ali, debaixo das primeiras árvores conseguiram apanhá-la, e de respiração suspensa aguardaram um sinal. Mas nada se mexia. Nenhuma árvore tinha caído; nenhum relâmpago rasgara o céu; tudo se mantinha calmo e estranhamente normal. Um tanto desiludidos, dispunham-se a pregar-lhe uma descompostura por aquela patetice quando notaram que o silêncio se tornava inquietante e no bosque deixara de haver vida. «Esquisito, disse o pai. Vamos para casa». No chalé estava tudo em ordem e a aldeia, ao longe, parecia dormitar com tanta moleza como era seu hábito. «Não devemos ter pretensões de compreender tudo, disse o pai, está na hora de descansar»; e, satisfeito com esta explicação, atirou-se para cima da cama. De cabeça entre os joelhos, Júlio César ouviu o silêncio daquele campo à espera, o silêncio dos pássaros e o silêncio da sombra encolhido debaixo das árvores como um animal medroso e frígido. Para acalmar o medo, pôs-se a cantar e chocalhar os caracóis de aço. «É o fim da minha dor, é o Fim, Senhor. Protege-nos do medo que aí vem, Senhor, é altura de tudo nos arrependermos, protege-nos, Senhor, temos uma coroa de espinhos e a cova aberta no fundo da nossa miséria». Nessa altura começou a chover e Júlio César compreendeu que o Senhor não tinha tempo para lhe dar ouvidos.

Choveu durante meses. Os ribeiros corriam em direcção à planície, a abarrotar de aldeias e terra,

deixando atrás de si mares de água-doce e lamentos com a pontuação feita pelos postes telegráficos.

Ao princípio, o *maire* da aldeia dizia: «É bom, muito bom para os patos», e esfregava as mãos com jovialidade; mas depois: «Há-de parar na Páscoa». Mais tarde não dizia nada porque toda a gente se habituara àquilo. Mas Júlio César sabia que era o fim do mundo; e calava-se.

Noites de chuva, dias chuvosos; a chuva nas casas, a bater nas paredes, a chuva como fonte que rebentasse nas tripas da natureza, chuva, sempre chuva nas cabeças, nas selhas de água cantante, nas bocas, nos sexos de quem dormia, nos nichos escuros das igrejas, em todo o lado chuva; e a ferida saiu do esconderijo, a ferida que o diabo traz no flanco e se chama orgasmo. E Deus cuspia a chuva monótona, a chuva farta de chover, a chuva histérica que tentava partir tudo, a choramingona chuva dos crepúsculos sem sol, a chuva, enquanto a aldeia afundada na ferida aberta rodava devagar, segundo um eixo fixo inundado com a chuva de reflexos vítreos. E o céu, parecido com uma teta de polposo sofrimento, gritou.

A escorrerem felicidade, todos os dias os gémeos visitavam a virgem Lúcia. Ela recebia-os sempre da mesma maneira, dizendo: «Outra vez? Afinal, o que é que querem?» E mais nua do que no Verão levantava-se do musgo, friorentamente metida numa capa de raposa vermelha que se abria ao menor movimento para lhe descobrir o corpo esverdeado enquanto os anelados cabelos flamejavam.

Os gémeos amavam-na com o ardor máximo da adolescência. Gostavam de ver-lhe o corpo dissolver-se lentamente na água morta dos charcos; gostavam de tê-la à sua frente cavalgada, como uma vítima, e galopar até o animal cair esgotado; gostavam de encontrá-la imóvel como um bicho, com o corpo malhado de tristeza, o rosto passivo por baixo da cabeça em fogo, atenta aos ruídos do inferno. Aprenderam a fazer-lhe festas.

O pai dela, o lenhador, levava uma vida à parte. Era mais rápido a abater árvores do que elas a crescerem, e juncava a floresta de cadáveres não despedaçados, inúteis; matava homens quando para aí lhe dava, mas esses decepava-os e chegava mesmo a enterrá-los num esconderijo que só ele sabia; era um lenhador que gostava da sua profissão. Quando a chuva cobria de bolor as árvores deitadas, pensava em enterrá-las mas a mórbida preguiça da putrefacção chegava ao ponto de deixar-lhe os braços atados. Dobrado em dois dormia, em vez de trabalhar.

A chuva continuava a cair e o *maire* suspirou: «Quem saberá dizer-nos se chove na aldeia do lado?» Energia para ir lá ver é que ninguém tinha. Os túmulos esfarelavam-se com a chuva incessante, e os caixões faziam esgares entre as pedras do cemitério. «Mais valia voltar a enterrá-los, antes de começarem a cirandar por aí», chegou a dizer; mas o coveiro dormia lá em cima, no chalé, e toda a gente tinha preguiça de ir acordá-lo. Os jornais já não eram distribuídos, a rádio calara-se, o telefone emudecido ressonava sem dar resposta e no pico mais alto o

vento dormia de pé, embrulhado em nevoeiro. Farta de viver, a aldeia ia pensando em afogar-se.

Ainda chovia, durante o Pentecostes, e a água subia no vale. Os camponeses dormiam, indiferentes às suas tarefas, quase sem comer, esfalfados com a monotonia do prolongado sono.

A maior tragédia era a das vacas.

Rondavam à volta das casas com postigos fechados, e aos que dormiam atrás do forrolho suplicavam baixinho um alívio para as tetas arrastadas entre pernas, a babarem um sanguinolento leite. Doidas de dor, outras rebolavam no chão tentando mungir-se a si próprias, ou corriam atrás de mãos imaginárias que dançavam nos raios de luar como morcegos. Acordados durante alguns minutos, os camponeses abanavam a cabeça e diziam: «Mulheres a discutirem, a guerra, vacas que se julgam cavalos de corrida, são um sinal dos tempos. O que vai ser de nós?» E voltavam a adormecer com bocas abertas, muito espantados debaixo de chuva.

Empanturrados de leite, os bezerros já não conseguiam mexer-se e acabavam por rebentar salpicando os campos húmidos com carne de vitela às lascas como atum de conserva. As mamas iam ficando cheias, deitavam raízes à terra e as vacas ancoradas deixavam de mugir, mungidas com grande delícia pelos vermes. «Parecem mesmo cogumelos», observou um camponês que entre dois sonos inspeccionava o campo com um olhar inchado de sonho.

No chalé, Júlio César dormia a tricotar; a mãe também dormia, com a barriga tensa de uma febre fugida do espartilho, feliz na sua obscenidade; o pai dormia. Os gémeos faziam carícias aos seios farpados da virgem Lúcia, e a cabra mordiscava o canário. Lúcia precisava de afagos; mão que lhe tocasse fazia endurecer-lhe o corpo, e os seus pés, que um risinho estremecia, dançavam. Antigamente, quando era pequena, esfregava-se nas árvores de ramos protuberantes e rebolava no musgo; ou então, de pernas abertas e tesa de felicidade, dizia segredos às bonecas. Os gémeos sujeitavam-se às suas brincadeiras de animal obececado por desejos selvagens. «Que calma há nos teus olhos, querida Júlio César, agora que os tens fechados», disse um deles a furar com o dedo a blusa da criada. Depois, Lúcia apertou nos lábios os seios fortes da negra e os três comeram da sua carne. Terminado o festim, Lúcia fechou os lábios abertos da ferida e os gémeos enterraram-se no canapé onde o canário desfalecia, de tudo esquecidos menos dos seus corpos e dos insaciados olhos de Lúcia.

Nas montanhas chuviscava que era um caso sério. O sono do pai era interrompido em momentos de uma inquietação cheia de lucidez e susto; à frente dele a aldeia afogava-se casa a casa, os aldeões morriam de bebedeira espojados na cama e a água subia no vale, a gorjear de satisfação. «Daqui a uma semana vamos molhar os pés», disse ele a Júlio César, que adormecera com as nádegas descoradas pelo frio. Era um diálogo já morto antes de começar

e o pai ruminou, rancoroso, a sua solidão. Quis ter a sua mulher acordada, para conversar. Começou por dar-lhe palmadinhas nas faces, dizendo: «Olá mãezinha, olá florzinha», mas sentiu-se impotente com a moleza das suas reacções e desatou a bater-lhe com o ferro de engomar.

O seu cérebro parecia que esvoaçava, como se uma bomba lhe tivesse explodido na cabeça, pássaro liberto e bêbado depois de muito tempo cativo. Batia, esfregava, picava, ria. Não suportava os sexos trocistas pregados na parede, e impedia que se mexessem mordendo os testículos ocultos debaixo das folhas. A mãe, mistela de carne esfolada e destituída de personalidade, gemia no chão e fumegava de dor. Júlio César deu uma volta na cama e tornou a adormecer. Um habilidoso acaso trouxe até à porta do chalé o lenhador, que procurava comida e ali ficou algum tempo, um tanto intimidado, a contemplar a carnificina. Depois cortou a cabeça da mãe à dentada e procurou com que saciar a fome. Morta por detrás do vestido estampado, a mãe deixou rolar a cabeça para debaixo da mesa e as suas pernas levantaram voo pela última vez, antes de ganharem raiz na imobilidade do inferno. Tão nua e deliciosamente obscena ela estava, depois de morta, que o pai sentiu remorsos e muita compaixão.

Nos casos de alucinação deste género, o incrível é pedirem emprestada à realidade a sua substância. Com a barriga cheia de queijo e mel, o lenhador julgou que a sua própria cabeça é que estava debaixo da mesa a sangrar bolhas de carne e com uma côdea

de moscas. Chegou a cara gorda à máscara, o mais possível, e fê-la contrair-se, ao que parecia num riso de troça. Abriu a boca, que o queijo fazia de greda, e gritou; as últimas convulsões da mãe coincidiram com a sua desvairada fuga, uivadora e louca. Com as narinas entupidas de sangue, os miolos queimados de horror, foi atirar-se ao vazio.

Entretanto o pai, esmagado no chão, beijava as feições petrificadas da que tinha sido sua mulher. «Era boa dona-de-casa», disse, com a boca maculada pelo sangue da vítima; e soluçou de compaixão. A sós com a bem-amada, a sós com o patético desejo de aprofundar a sua dor, levou à matança o mais puro dos impulsos e, em vez de emoldurar a máscara sem feições, despedaçou-a. O sono venceu-o. Sentou-se à mesa com o cadáver e descarregou a testa de chumbo entre os restos da última refeição familiar. De ali em diante, a ausência e a imensidade seriam esposa deste homem. Presente em todo o lado. Imóvel como o êxtase, e com os arabescos do pudor a protegerem-lhe a nudez da púbis (também morta, essa púbis talhada por mil instintivas volúpias), tentadora sem poder de traição, nua, irrevocavelmente nua, coisa sua. Constituía a substância do éter, emprestava o seu cheiro à terra e ele penetrou-a inteiro, em silêncio, livre de todos os entraves, ele próprio dissolvido no esperma pálido que a nudez acabou por apagar. «Vou comer a aranha do seu desejo imenso, disse, vou beber na própria fonte a desonra do sangue menstrual, e a sua morte será consumada.» Também era maldito, e sabia-o.

Cegos, os malditos contemplam o mundo com órbitas vazias, boca cheia com entranhas das suas alucinações e as portas da prisão constantemente trancadas pelo monstruoso arrepio do esgotamento. A desculpa é sempre a mesma: amor mal partilhado, e as suas lágrimas são ácidas de tanta verdade.

O pai dormiu, acordou, e depois de espernear um pouco, coçar as axilas, esfregar os olhos, limpar a voz, inutilmente se esforçou por dizer uma palavra. Havia qualquer coisa de perdido no olhar deste homem novo, sem a certeza do peso que tinha. «Que formidável havia de ser, se eu mudasse de posição», sonhou ele a deprimir-se. E voltou a adormecer.

Júlio César tirou dali o cadáver, limpou aquele chão onde os ratos se divertiam e subiu ao sótão. Sem interromper as subtis brincadeiras dos gémeos e da virgem, que tatuavam as coxas e o frondoso abaulado do ventre, anunciou a morte da mãe e o suicídio do lenhador. «O meu pai sempre gostou do ar livre, disse Lúcia; não vale a pena enterrá-lo. Há-de saber sair da situação sem ajudas». E ofereceu a tumultuosa boca à garra dos gémeos.

O pai foi ter com Júlio César e disse com insinuante voz:

— Isto é que tem sido uma trabalheira! Amanhã vou construir a jangada.

— Comece bem cedo — replicou a criada, para mostrar que não tinha medo. — E agora nada impede que vá fazer uma soneca, se estiver para aí virado. Tem muito mau aspecto...

— Dói-me a barriga — grunhiu o pai, mostrando o umbigo com olheiras pálidas.

— Emoção e estômago vazio — diagnosticou Júlio César. — Vá dormir.

A chuva afogou os queixumes da cabra.

O pai, com um minúsculo boné de lã branca, trabalhou na sua jangada. Passaram-se dias, e noites também. Noites férteis em crimes e violações, em que ele perdia tudo, mesmo os botões do colarinho e o pouco cabelo que lhe restava. Era uma autêntica lua de mel, e nunca tinha amado tanto a sua mulher. Notara que à noite havia a luminosa presença de seios inchados de orgulho, de tamanhos diferentes e ao que parecia errantes, a flutuarem à volta da cama. Mas ao acordar, dominado ainda pela ardente congelação dos sonhos, procurava-os e tinham desaparecido. Já estavam vazios, por certo, e depois de caídos em qualquer canto do quarto escondiam-se num caos de roupa interior aos montes e espinhas de peixe. A chuva era pegajosa, e o pai trabalhava sem tentar compreender a delícia das suas imaginações, sem o horror da sua maldição lhe causar a mais pequena queimadura. «Julga-se Noé — troçaram os gémeos. — Não te esqueças do urinol, que é indispensável nas jangadas». E afastaram-se, com um ataque de riso que estremeceu montanhas. O macerado frescor de Lúcia chamou-os. Revestida de lisonjeiras citações, com a língua carregada de mel, chamou-os e eles sentiram o aveludado formigueiro amadurecer no sexo para ir desabrochar, como um fogo de artifício, ao ventre. Seguiram-na em peregrinação nos

bosques agitados pelo vento. Fizeram-na gemer, deitada aos seus pés e com a pendureza masculina de um veado posta na cabeça, os seios sólidos de tanta vontade. «Reino sobre estes animais», pensou Lúcia, mordendo à dentada a terra embebida de tristeza, orgulhosa com o seu martírio.

Júlio César tratou da cabra. «Bem triste é a vida quando chove», disse ela. E a chuva miava, a cair no telhado do chalé que dava repouso aos restos de um gato.

Estava finalmente pronta aquela jangada de musgo, ranho e detritos anódinos. Com o trabalho concluído e a água ainda afastada alguns metros do chalé, o ocioso pai embebedou-se. E nessa última e grande bebedeira, ruminou. Pensou nos órgãos vitais da cabra quente, que tinha nas mãos, e comeu-os. Pensou nos dois filhos, sempre à procura do grande mistério que se esconde atrás da saia das mulheres; sabia que essa furiosa actividade não conheceria tréguas depois de eles morrerem, pois tinham a paixão do sexo e a vocação dos seus cadáveres seria a mesma com o solo a fazer de matriz e os outros mortos a fazerem de cúmplices. Pensou nos cavalos que flutuavam no vale, entre chaminés meias submersas e tufos de folhas. Pensou na chuva, nas cortinas vermelhas dos bordéis de Nova Iorque e nos mortos que o chamavam do meio do vento chegado do vale. Sentia-se triste. Tinha dificuldade em lembrar-se da sua mulher já desfeita no álcool pardo que lhe irrigava o cérebro. «Deitada de costas, conseguia mijar até ao tecto», disse entre dentes; e arrancou as ervas

daninhas que lhe enchiam a braguilha. Foi fácil recordar-se da chinesa que escondia bem agarrado ao corpo, debaixo do quimono, um ouriço a crepitar de electricidade, que antes de ser agarrado ele tinha que afagar enquanto falava do bom tempo. Como era inebriante o seu musgo crespo, esponjoso e músico!, e o pai sufocava ao lembrar-se dele. Repreendeu o sexo de boca aberta, que mugia como um bezerro, e sentou-se. Nessa altura é que um entremez fisiológico, bastante raro entre campónios, aconteceu: o pai começou a menstruar-se. O conhaque queimava-lhe a garganta e deixava-lhe a face a brilhar até às orelhas desfraldadas, enquanto ele se menstruava por todos os poros e todos os orifícios. Ladrou, numa fúria, partiu-se em dois e espalhou pelo chão as entranhas. Espantado, olhava aquelas enguias fumegantes e a contorcerem-se, que arrancara de si sem saber que existiam; esmagou-as com o pé e o sangue jorrou. O seu calor perpetuou-se noite fora, durante muito tempo, e a bebedeira transformou-se num coágulo de ranho que ele deixou escorrer, distraído, pelo velho e entorpecido rosto. «Assoe-se! — berrou Júlio César, com os olhos exorbitados pelo nojo. — Já temos chuva que baste, sem ser preciso acrescentar a sua!» Mas ele sabia que aquilo tudo não passava de uma perda de sangue e saliva; o mais íntimo de si. E teve muito medo do futuro.

Certa manhã, Júlio César acordou com uma bolha sólida de inquietação agarrada às paredes da

púbis. E compreendeu que era grave e causada pelos gémeos, sua angústia dupla.

Pensou na sua ruidosa infância, no meio dos estercos da cabra e de flores selvagens nascidas entre os mosaicos da cozinha. Lembrou-se do rosto amarrotado dos seus bonecos, das suas brincadeiras no prado e do suave sono de animais pequenos com boca húmida e ricos em sorrisos de reserva. Suspirou: «Estes bandidos cresceram sem eu dar por isso!», e a fatalidade da solidão ainda mais endureceu a bolha do desassossego. Pensou na escola, naquele instante mais afogada do que um macarrão na sopa, onde os deixava todas as manhãs, com olhos rasos de lágrimas e mãos crispadas na cesta das compras. Agora estavam enormes, dois matulões com um rosto azul de barba e voz que já não desafinava. Maiores do que o pai, cada vez mais baixo a cada ano que passava, maiores do que ela...

Júlio César tinha orgulho naqueles gémeos quase belos, sob a coroa de cabelo crespo, mas sabia-se inútil aos seus olhos; de Deus passara a criada. Era duro. Já não queriam dar-lhe ouvidos, riam das suas conversas de velha negra iletrada e beliscavam-lhe as nádegas, dizendo: «Vai-te, velha Júlio, que a cabra chama por ti».

Com a sua adolescência surgiu uma curiosidade visual que era estranha ao mundo de Júlio César — vacas, montanhas, floresta, até o mercado. Formada por um desejo de saber como funcionava o mecanismo do segredo. A conversa dos gémeos fizera-se opaca, sólida, com sabor técnico, e o seu rosto fervi-

lhou de versos brancos [1]. Devora-os a sede de ver a olho nu, tocar com a ponta dos dedos o lugar sagrado, fremente, imberbe ainda, escondido debaixo de saias a cheirar a feno. E havia o prazer de falar desse desejo, discutirem-no sem fim; tudo isto os fascinava. Não se interessavam por mais nada, e das repisadas histórias de Júlio César nem queriam ouvir falar. Tinham-se tornado secretos e punham um ponto final nos seus folguedos quando ela se aproximava; à menor inépcia, os seus rostos fechados cintilavam de ódio. Mais tarde tinham encontrado Lúcia, menina doida dos bosques, e Júlio César voltara a sentir-se destronada para sempre. A noite caía devagar, debaixo de chuva, e Júlio César sentia-se triste. Todo o dia pensara nos gémeos, sem ver como recuperar o lugar na sua vida nem como desfazer-se, de vez, da rival. Queria recuperá-los para o seu poder pessoal, voltar a sentir as suas cabeças lavrarem-lhe o peito; queria vê-los sem esse olhar fixo de homens loucos por si próprios; e a sua velha boca resmungava palavras mágicas, na esperança de consegui-lo. Tarefa inútil, porém. «Estou tonta», disse, quando tomou uma decisão que iria lamentar durante a vida inteira.

No dia seguinte foi à montanha procurar o deus das neves que lá vivia desde a aurora dos tempos, sob a forma de um gigantesco símio, e se alimentava de carne humana que o vento lhe trazia. Andou dois

---

[1] Note-se que a palavra *vers* tanto significa «versos» como «vermes» em francês. (N. do T.).

dias e três noites sem descanso, com a alma inchada a baloiçar na ponta do caule. Depois, Deus reteve a respiração e Júlio César sentou-se ao abrigo de uma pedra que dominava o vale; o seu vestido de flanela encarnada punha uma nódoa na neve; ao longe, os picos quase negros sujavam o céu puro. «Ando entre os homens como se fossem pedaços do futuro, impotente contra tudo o que foi feito. A minha vontade não pode actuar no passado. E para me libertar da Lúcia, tenho de actuar só. As paredes invisíveis da minha vida solitária imediatamente irão sofrer uma derrocada». Júlio César raciocinava assim, com uma cólera igual a essa vontade de poder. Pesadas nuvens de neve refreada passeavam nas alturas, e o peito arfava-lhe de irritação. Tinha como certo que o grande símio ia aparecer, mas a impaciência, supunha ela, ia deixá-la doida. Prometia a si própria um sem número de felicidades sedutoras, depois da vingança, quando os gémeos voltassem para ela pequenos, como anões, e cheios de carinho. Recolheu dentro de si o nojo, como se fosse a verdade única, e esse nojo colou-se aos seus lábios como uma ostra. Esperava um deus e abstinha-se de cuspir no vento da vingança. Estava à espera.

De repente, o símio apareceu. Imenso, a dominar Júlio César; a iluminar-lhe o olhar com a beleza do seu sexo. Júlio César fechou as pernas amarelecidas pelo frio, e o cérebro esvoaçou nos diâmetros ilimitados do êxtase. O crime abriu-se como uma flor na sua cabeça. O monstro avançou, hesitante, e penetrou-a com o hálito até ao pavor mais fundo. Sentiu

vontade de deixar que esse deus inconsciente da sua própria beleza a possuísse, uma vontade que lhe crispava as raízes do sexo. De pé, ao vento, lutou contra as branduras da sua imaginação e venceu. Atirou ao rosto do gigante a camisa saturada de urina, tesa de suor e feminilidade que tinha roubado a Lúcia, e fugiu. O macaco sentou-se. Gostou do cheiro da virgem; aspirou a camisa, chupou-a, comeu-a e rebolou na neve embriagado de desejo, com o sexo em riste como um arbusto que o Inverno mantivesse inteiriçado.

Júlio César correu, com as suas pernas curtas, até ao chalé. Parecia que saltava de astro em astro. A bolha de inquietação levantara voo como fumo e ela preparava-se para o deleite da vingança. «O deus há-de libertar-me da Lúcia. Há-de vir procurá-la doido de amor, ébrio de curiosidade, e a última palavra que os gémeos vão ouvir será o meu silêncio», disse ela. Cheio de tristeza, o vento respondeu: «Sim, sim».

Júlio César voltou a correr sem encontrar vivalma, nem sequer a sua; ficou solitária no silêncio e no segredo dos seus pesadelos multicores.

No chalé encontrou a rodopiante luxúria, dada a carícias como a barca quando chega a terra, miserável de beleza. As espadas de couro dos gémeos cruzavam-se como cobras, de línguas finas caídas à volta da cintura. Retalhada pela fulminância do seu êxtase, Lúcia relinchava. Com esta derrota, Júlio César destroçou-se de ciúme. «Esperem, meus filhos, que o deus vai libertar-me», disse raivosa, depois de

ter enchido o chão com escarros. De joelhos, Lúcia oferecia o seu mel dourado; Júlio César olhou para ela, mais secreta do que todas as dores; e os gémeos espetaram o sexo no mais tenebroso abismo. Ali, onde riso e neblina se entrelaçam, onde o regresso se faz sempre para trás e onde o gelo amontoado do desejo perde a sua mocidade.

O símio mostrou o rosto, uma vez em cada janela, gritou o seu apelo na chaminé e depois arrombou a porta. E tal como a delícia de um vento baila nas pálpebras do mar calmo, bailou a paz no coração de Júlio César. Os gémeos interromperam o seu ritmo de morte; ossudos na sua nudez, com a pele percorrida por comichões, tiveram medo sem se mexer. O deus arrancou Lúcia do chão e levou-a, doente de sangue coalhado.

Júlio César limpou o chalé, sem dizer uma palavra, e quando o deus se foi embora o vento varreu a neve. Esquecidos de tudo salvo do canto por acabar, os gémeos caíram nos braços um do outro e mataram o vazio na boca artificial da sua imaginação, falando em voz baixa do ventre servil da virgem, até refrearem o espicaçante da sua confusão seminal. Júlio César afastou-se debaixo de chuva, para caçar um coelho à rede. Sentia o passado à mão de semear; e tinha os olhos a brilhar como berlindes.

Decorridos dois dias de tédio, os gémeos olharam-se com horror e o colosso do seu ego mugiu.

Júlio César raspava a neve à porta do chalé; sentado na jangada, o pai aguardava a onda; húmida de leite, a cabra pensava no suicídio e o ar da mon-

tanha orvalhava as silvas. Era mais um dia como os outros. Os gémeos, porém, saíram do chalé sem fechar a porta e foram-se embora, às cegas. Júlio César compreendeu que não voltaria a vê-los. Descalços como crianças, partiram em busca de sangue, e os pinheiros espalhados nos flancos da montanha seriam, todos eles, cruzes a marcar o seu caminho.

Apesar disso, Júlio César esperou durante muito tempo. Apoiava-se na pá e a sua alma lutava na ponta de uma mola para voltar ao corpo; e a boca amolecida defecava. Depois de uma eternidade de humilhação regressou ao chalé, com a garganta roída por soluços bravios. Parecia que o mundo largava as muletas para cair melhor.

Durante a noite, a água bebeu mais um gole de terra. «A partida é amanhã», anunciou o pai a Júlio César, sem sair da jangada.

No dia seguinte, Júlio César, o pai e a cabra viram que estava na altura de abandonar o chalé. A um passo da porta, a água continuava a subir. «Desde que a mãe morreu não sou mais do que uma sombra», disse ele. «Pouso em todas as superfícies sem me magoar; estou farto de ser derrubado pelos ventos, farto de escrever o meu nome em todo o sítio onde ela pôs o pé. Vou cortar cerce o desejo dentro de mim. Vou morrer, e morrer como teria desejado viver: de fraque». Ao dizer isto fechou a braguilha beiçuda, com uma gulosa língua de vaca pendurada, e foi procurar o fato. Júlio César não disse nada, e a cabra continuava a pensar no suicídio.

A água não perdia o fôlego e deu o último passo em direcção ao chalé. Júlio César sentou-se pesadamente na jangada, sem uma palavra à cabra hesitante, sem procurar abastecer-se de comida nem de roupa. E enquanto um riquíssimo sol se escondia, Júlio César afastou-se nas águas caóticas, toda nua se exceptuarmos os cabelos ainda a palpitarem de sangue, nua de porvir na sua concha. Tinha as pregas da carne limpas de parasitas, estava separada do ventre ondulado de Deus por algumas tábuas. E Deus, líquido da putrefacção do mundo, estrangulado pelo interminável soluço dos agonizantes, fazia explodir as últimas montanhas com os seus dedos alucinados.

Deitada de costas, ensopada até aos ossos pelos compridos e dilacerantes jactos directamente saídos da ponta da coluna vertebral, com as pernas todas abertas uivava esguicho a esguicho o seu orgasmo à noite. E prestes a dar-se a decomposição final, já a cair-lhe do ventre a derradeira pele, das ondas da ferida saíram as formigas e invadiram a jangada. Procuravam no horizonte a terra prometida, mas a imundície das vagas negativas espalhava-se por todo o lado, inerte e monstruosa, unidade indivisível. Finalmente aplacado, o sexo de Júlio César dirigiu ao céu um estúpido sorriso e a sua alma, impaciente, bocejou.

colecção memória do abismo